

Bullying e a exposição na mídia: uma análise na perspectiva do letramento crítico visual

Jany Baena Fernandez¹
Suzana de Souza Klas Guerra²

RESUMO

Este artigo trata do bullying e a exposição visual na mídia. Tem como objetivo analisar um caso de bullying, na perspectiva do letramento crítico visual, veiculado num jornal online. A metodologia da pesquisa tem abordagem qualitativa, com objetivos descritivos, explicativos. Os teóricos que embasaram o estudo foram Levinsky (s/d), Teixeira (2013) em relação à adolescência e contextos familiar e escolar; Mizan (2014), Zacchi (2014), Souza (2011), Santaella (2003, 2014) sobre as questões de letramentos, imagem e mídia. A partir da análise verificou-se que quem produziu a imagem e a lançou na mídia tentou se aproximar dos navegantes que se interessam nesse tipo de assunto para chamar mais atenção pela afinidade relacionada ao contexto do espectador. Assim, a construção de sentido produzida pelas pessoas que interpretam esta imagem é relacionada ao seu cotidiano e por isso consegue grande repercussão. Isso acontece porque a construção de sentido caracteriza-se por um processo que envolve o contexto cultural, histórico e social de quem faz a leitura da imagem.

Palavras-chave: Bullying. Linguagem na mídia. Letramento crítico visual.

ABSTRACT

This article deals with bullying and visual media exposure. Aims to analyze a case of bullying from the perspective of visual critical literacy, broadcast an online newspaper. The research methodology is qualitative approach with descriptive, explanatory goals. Theoretical that supported the study were Levinsky (s / d), Teixeira (2013) in relation to adolescence and family and school contexts; Mizan (2014), Zacchi (2014), Souza (2011), Santaella (2003, 2013, 2014) on the literacy issues, image and media. From the analysis it was found that those who produced the picture and threw it in the media tried to approach the sailors who are interested in this matter the type to draw more attention by affinity related to the viewer context. Thus the construction of meaning produced by people who interpret this is related to their daily lives and so can great impact. This is because the construction of meaning is characterized by a process involving the cultural, historical and social who does the image reading.

Keywords: Bullying. Media. Visual literacy critical.

¹Graduada em Letras/Espanhol pela UFMS. Especialista (*Lato Sensu*) em Tecnologia da Educação pela PUC/RIO; Planejamento e Tutoria em EaD pela UFMS e Gestão e Docência em EaD pela UFSC. Aluna do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens pela UFMS.

²Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2004). Tem experiência na área de Psicologia Clínica. Especialista (*Lato Sensu*) em Psicologia Jurídica pela PUC PR. Aluna do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens pela UFMS.

INTRODUÇÃO

A exposição constante de jovens e crianças na mídia é uma polêmica que envolve tantos fatores, que seria inviável abordar todos neste artigo. Entre os fatores que elencamos, há relação ao que diz respeito às fases das formações psíquica, moral e social dos indivíduos que encontram respaldo nas legislações brasileiras, como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por outro lado, a exposição de crianças também foi disseminada no Exame Nacional do Ensino Médio que lançou como proposta de redação "publicidade infantil em questão no Brasil". O tema oportunizou um debate mais amplo sobre o assunto, envolvendo a comunicação e os limites da comunicação. Dessa forma, contemplou a discussão sobre liberdade de expressão, de um lado, e proteção às crianças, de outro. Existem certos abusos e isso preocupa os pais, educadores e demais profissionais, como por exemplo, psicólogos, em relação aos excessos da publicidade da criança. A questão é como lidar com isso preservando a liberdade da própria publicidade.

Sendo assim, surgiu o nosso desejo em aprofundar um estudo em relação à exposição de jovens e/ou crianças na mídia, pois estes muitas vezes não adquiriram a maturidade para processar o que lhes é apresentado pela mídia, tampouco estão aptos a fazer uso adequado dos meios de comunicação. Ao relacionar os casos de *bullying*, partimos da teoria do letramento crítico visual, que proporciona um olhar mais ampliado, uma vez que pode vir a contribuir tanto para nosso entendimento enquanto cidadãos, bem como enquanto profissionais. Relaciona-se também com as áreas de conhecimento de nosso interesse, tendo em vista que as nossas pesquisas de mestrado abordam: Formação continuada de professores na perspectiva da teoria dos letramentos e Sexting e cyberbullying na linguística aplicada.

A primeira pesquisa trata das interações sociais realizadas nos espaços virtuais em que predominam os gêneros emergentes mais interativos como fóruns e bate-papos, bem como a produção multimodal e pretende investigar a capacidade crítica dos professores cursistas em um curso de formação continuada, na perspectiva dos letramentos críticos. A segunda pesquisa problematiza o uso das tecnologias digitais por adolescentes, que por vezes praticam *sexting*³, discorrendo sobre suas implicações na vida do sujeito, algo que por vezes possibilita o *cyberbullying* e alguns casos culminam no suicídio. No que tange às pesquisas mencionadas, notamos que professores, psicólogos e pais estão de alguma forma envolvidos na questão do *bullying*, pois esta é uma realidade das escolas, que implica na vida familiar e na formação dos sujeitos, refletindo socialmente.

Tal constatação nos leva a realizar esta pesquisa que tem como objetivo apresentar e problematizar aspectos de uma notícia veiculada no jornal online, oriundo de Campo Grande (MS): <www.perfilnews.com.br>, que apresenta a exposição visual de uma criança na mídia, devido ao bullying por ela sofrido na escola. Dessa maneira, pretendemos estimular a consciência crítica dos leitores a partir da premissa de que não há uma única "verdade", mas sim, a possibilidade de diversos olhares a respeito de um mesmo fato.

Almejamos ampliar nossos olhares enquanto pais, professores e profissionais das mais diversas áreas, amadurecendo nosso entendimento/pensar-crítico a respeito das tantas informações fornecidas pela mídia, não nos contentando em processar os acontecimentos unicamente como se apresentam. Para isso, nos pautaremos em teorias da psicanálise e do letramento crítico visual, na perspectiva dos autores (LEVISKY, 2013; TEIXEIRA, 2013; SANTAELLA, 2003; TAKAKI, 2014; MIZAN, 2014; ZACCHI, 2014; SOUZA, 2010).

³*Sexting* refere-se ao termo de origem inglesa, sendo uma prática que consiste no envio de mensagens (texto ou imagem) com conotação sexual.

1. BULLYING

Bullying é um termo da língua inglesa, que segundo a perspectiva de Teixeira (2013), refere-se a comportamentos agressivos entre estudantes, que podem ser descritos como:

[...] atos de agressão física, verbal ou moral que ocorrem de forma repetitiva, sem motivação evidente e executados por um ou vários estudantes contra outro, em uma relação desigual de poder, normalmente dentro da escola, ocorrendo principalmente na sala de aula e no recreio. (TEIXEIRA, 2013, p. 27).

Embora os casos de *bullying* normalmente ocorram dentro das escolas, há situações em que as agressões continuam mesmo após a saída das crianças do ambiente escolar. Silva (2010) afirma que as vítimas típicas são alunos que apresentam pouca habilidade de socialização, fragilidade e/ou marcas físicas que fazem com que se destaquem dos demais, são em geral tímidas ou reservadas apresentando dificuldades para reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos a elas.

Há uma diferenciação quanto à questão de gênero, apontando que os meninos estão mais envolvidos com o *bullying* do que as meninas, e tendem a utilizar principalmente intimidações físicas ou ameaças, praticando atos mais agressivos (TEIXEIRA, 2013).

Ao se falar de *bullying*, é preciso também refletir sobre a atual situação brasileira no que se refere à educação. Casos de agressões são frequentemente veiculados pelas mídias, nos quais podemos acompanhar inclusive agressões de alunos contra professores.

Em geral, os agressores apresentam dificuldades em seguir regras. Silva (2010) revela que o que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem.

Ao que tudo indica, a sociedade atual passa por transformações e seus valores estão desorganizados. Obviamente não há consenso, sequer parâmetros fixos entre o que é papel da escola e o que é dever dos pais.

Essa visão é explicada no seguinte excerto:

Quando a criança quer o contato os pais estão ocupados e a criança fica sozinha. Sob este aspecto questionamos com quem fica a criança e percebemos que a família está delegando ou abrindo mão da sua função primordial que é ensinar o filho a cuidar da vida. Os pais estão transferindo a educação para a escola e a escola inadvertidamente está assumindo este papel. Os professores acham que podem substituir os pais e quando encontram problemas jogam para o terapeuta, dentista, pediatra, psicólogo, para consertar o defeito da maquininha que não está funcionando bem. O que ocorre é que a criança passa a ser atendida em suas necessidades de sobrevivência mínima física, mas não do ponto de vista afetivo-emocional e intelectual. (VASCONCELLOS, 2000, p. 140).

Uma discussão que vem ganhando cada vez mais espaço é sobre o papel da escola e o papel da família na formação dos indivíduos. Acredita-se que a questão do *bullying* seja de ordem multifatorial, mas o que se propõe é que uma família comprometida com a educação da criança possa reduzir a incidência dessa prática. A família é de suma importância para a formação dos indivíduos, mas vem enfrentando problemas: “os pais sentem-se inseguros na maneira de educar seus filhos, a estrutura da família nuclear, tradicional, está abalada e enfraquecida” (LEVISKY, 2002).

Por um lado, temos famílias completamente desestruturadas, que praticamente "sobrevivem" à dura realidade que fere os direitos à cidadania. De outro lado, pais extremamente omissos, que buscam compensar o longo período de tempo que passam diariamente longe dos filhos e, portanto, buscam satisfazer todas as demandas das crianças, esquecendo da importância de estabelecer regras e limites que servirão de parâmetros para a convivência social.

Essa omissão dos pais pode acarretar consequências e provocar conflitos familiares:

Isso é facilmente observável em circunstâncias que envolvem comportamentos transgressores, o desrespeito às regras e aos limites estabelecidos. A indiferença dos pais equivale a uma renúncia oficial e perigosa ao papel essencial que eles deveriam exercer: o de educar seus filhos. E educar é confrontar os filhos com as regras e os limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano. (SILVA, 2010, p. 62).

O modelo aprendido em casa tende a passar naturalmente, a ser repetido em sociedade. Provavelmente, uma criança que não adquiriu no seio familiar a necessidade de respeitar regras e valores, dificilmente aplicará esse respeito em sua vida social.

Não há o intuito de atribuir toda a responsabilidade à família ou à escola no que diz respeito à prática de *bullying*, mas sim propor uma reflexão sobre os modelos e valores que estamos transmitindo aos nossos filhos e alunos, porquanto a sociedade como um todo afeta e é afetada por esses jovens.

A vida social vem se transformando, visto que acompanha as evoluções tecnológicas. Atualmente, a internet possibilita a disseminação das informações de maneira extremamente veloz, podendo repercutir mundialmente. Assim, se faz necessário abordar sobre as mídias, a fim de compreender a sua linguagem e o seu impacto na sociedade.

2. MÍDIAS

As mídias tradicionais como o livro, o jornal, a televisão e o rádio possuem características diferenciadas em relação aos meios digitais, em particular o computador. As mídias tradicionais são unidirecional e as digitais proporcionam a interação em rede, pois podem contemplar várias linguagens, de forma não linear, com hipertextos, hiper-mídia. Porém, a mídia pela mídia não teria função e significado se não houvesse a linguagem. Dessa forma, o conceito adotado para esta pesquisa de mídias é da Santaella (2003):

[...] mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram. (SANTAELLA, 2003, p. 25).

Sob essa ótica, as mídias servem de trânsito das informações em que se utilizam as variadas formas de linguagem ou a mistura delas de forma linear ou não linear. Isso vai depender do tipo de mídia. Santaella (2003) salienta que o processo de comunicação das mídias torna-se inseparável das formas de socialização e da cultura que criam. Quanto à socialização, buscamos as implicações das informações midiáticas para a identidade:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e **imagens**, pelas viagens internacionais, **pelas imagens da mídia** e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas —desalojadas —de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". (HALL, 2006, p. 21, grifo nosso).

Nesse sentido, percebe-se que as imagens são linguagens que fazem parte do contexto comunicativo na sociedade e interferem nas relações e produções de sentidos das pessoas. Hall (2006) infere na citação que as mediações que levam conta o global estão invadindo vários aspectos pertinentes à estrutura da identidade. Assim sendo, a estrutura identitária sofre abalo e desloca-se, e como o próprio autor afirma “flutua livremente”.

A mídia é um veículo que se torna pertinente nesse processo, a partir da propagação de mensagens que invadem todas as casas, escolas, trabalhos, etc., principalmente por meio da Internet. Essa rede mundial propaga os valores globais que vão de encontro aos valores locais não situados e nem fixos, pois se encontram num processo constante de hibridização. No sentido de compreender o sentido aplicado de hibridização, Bhabha (2000) esclarece que:

[...] a hibridização não é algo dado, encontrável num objeto ou numa identidade mítica “híbrida” - é uma forma de conhecimento, um processo de compreender ou perceber o movimento ambíguo e ansioso de trânsito ou transição que necessariamente acompanha qualquer forma de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, nem a transcendência das condições complexas, até mesmo conflitantes, que acompanham o ato de tradução cultural. (BHABHA, 2000 apud SOUZA, 2010. p. 301).

Com relação às ideias mencionadas, podemos extrair que a mídia apesar de ser somente um meio, tem na sua essência as linguagens por ela transmitidas que traz implicações de relevância social em aspectos como: cultura, identidade, relação social, noção de tempo e espaço, interferindo na construção de sentido das pessoas. Esse processo é híbrido, uma vez que a construção se encontra em movimento, devido à “circulação de experiências, linguagens e símbolos diversos” (SOUZA, 2010, p. 301).

Assim, no próximo item, nos voltamos para o letramento crítico visual, tendo em vista que contempla as ideias desenvolvidas nos parágrafos acima. Destaca-se o visual em consideração a proposta de análise de uma reportagem em que predomina a imagem de um garoto que sofreu *bullying* na escola.

3. LETRAMENTO CRÍTICO VISUAL

Dentre os conceitos de letramento crítico, um deles ressalta aspectos temporal, histórico e o papel político e ético na educação (SOUZA, 2011), que corrobora a concepção de Zacchi (2014, p. 140) “o letramento crítico, por sua vez, considera o conhecimento como sendo construído, de modo que o sentido do texto seja sempre múltiplo e dependa do contexto em que é veiculado e interpretado”.

Sob essa ótica, o conhecimento encontra-se em desenvolvimento, é inacabado, pois levará em conta sempre o contexto em que é produzido e o seu sentido será construído num processo dialógico que está atrelado aos nossos próprios conceitos. “Assim o letramento crítico implica práticas contextualizadas de construção de significado” (ZACCHI, 2014, p.140).

A sociedade atual está imersa em uma grande variedade de linguagem que se combinam entre si, mesclam-se, sofrem mutações e transformam-se em outra linguagem, principalmente depois da expansão da internet e do mundo virtual, onde há comunicação em rede. Essas linguagens são veiculadas constantemente na mídia. As pessoas são receptivas às informações e as interpretam de diferentes formas, de acordo com o seu contexto social, histórico, cultural, pois não há como afirmar que uma imagem que foi selecionada e construída com um objetivo para uma notícia, por exemplo, possa ser interpretada da mesma forma por todos que a visualizam. Assim, podemos nos remeter ao conceito de leitor de Bakhtin (1999) em que o leitor que produz o sentido, numa relação dialógica com a imagem.

Sob essa ótica, acontece um encontro entre autor e leitor. O significado não está somente em uma das partes, mas sim na relação entre a imagem, o leitor e o escritor. O contexto engloba esses três elementos. Assim se tem a complexidade do desenvolvimento da leitura, na concepção do letramento crítico (SOUZA, 2011).

Nesse sentido, o mundo das imagens se divide em: domínio das imagens como representações (gravuras, desenhos) e domínio imaterial das imagens que é formulada na nossa mente (SANTAELLA E NÖTH, 2014).

As formulações mentais são individuais e produzem sentidos diferentes de acordo com a complexidade que envolve cada pessoa. Por isso, um texto visual está sujeito a várias interpretações, o que remete ao Letramento Visual que segundo Mizan (2014, p. 272) “no contexto da cultura visual, [o letramento visual] nos permite analisar a maneira que as imagens fazem referência ao mundo em que vivemos”.

Ao nos depararmos com as situações do dia a dia que nos remetem às leituras de imagens propagadas na mídia televisiva e jornalística criamos realidades, conforme as representações que são transmitidas. Dessa forma, no item a seguir realizamos uma análise, relacionando um caso de *bullying* com o letramento crítico visual, a partir de uma notícia veiculada em um jornal local para apresentar e analisar um caso de *bullying*, na perspectiva do letramento crítico visual, veiculado num jornal online.

4. ANÁLISE DA NOTÍCIA

Abaixo, encontra-se a narrativa e a imagem da notícia de um garoto que relatou sofrer *bullying* na escola, chegando a ser agredido fisicamente. Ressaltamos que a análise prioriza a linguagem não verbal, tendo em vista o objetivo deste artigo.



Um garoto, de 7 anos de idade, ficou com o rosto ferido na manhã da segunda-feira (22), depois de ser agredido na saída da escola, localizada no Parque do Lageado, região sul da Capital. Segundo a mãe do menino, ele ficou com medo do agressor e mentiu, dizendo que tinha se machucado sozinho.

Fonte: <<http://www.perfilnews.com.br/noticias/estado/menino-de-7-anos-apanha-na-saida-da-escola-e-diz-para-a-mae-que-bateu-em-arvore>> Acessado em: 27/02/15 às 14h: 20min.

A imagem mostra, ao fundo, o interior de uma residência que possivelmente é o lar da criança, com fogão, panelas, mesa e cadeiras, configurando-se uma cozinha. A ideia é de destacar a rotina da casa e sugere o período em que a criança estuda, mencionado na escrita da notícia, segundo a qual a criança chega a casa por volta das 11h. Destaca-se o sangue espalhado no corpo e o uniforme de uma escola pública de Campo Grande, bem como a feição de choro e as mãos retorcidas do menino, evidenciando medo e angústia diante da situação.

O rosto com tarjas pretas nos olhos diz respeito à proibição de imagens de menores na mídia, em cumprimento a legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu Art. 17, o qual estabelece que

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (BRASIL, 1990).

Diante do exposto, confirma-se que toda a construção da imagem é pensada para criar uma realidade própria que é construída a partir da ideologia do seu criador (MIZAN, 2014). No caso da imagem em análise, há um tendenciamento de chocar os espectadores da região de Campo Grande, dado que o menino aparece com uniforme que o identifica como aluno da escola pública municipal, além do sangue que sugere uma agressão. A imagem denota a criança em estado emocional abalado. Tal contexto remete à

[...] questão da verdade ou mentira nas imagens tem um aspecto semântico, um sintático e um pragmático. De um ponto de vista semântico, uma imagem verdadeira deve ser aquela que corresponde aos fatos que representa. De um ponto de vista sintático, deve ser aquela que representa um objeto e transmite um predicado sobre este. Do ponto de vista pragmático, deve haver uma intenção de iludir por parte do emissor da mensagem pictórica. (SANTAELLA e NÖTH, 2014, p. 203).

O contexto é apresentado de maneira a conduzir o leitor na compreensão de que o garoto fotografado é vítima de um outro, apresentado como agressor. Contudo, a imagem por si só, apresenta apenas uma fração dos fatos, não contemplando o “todo”. A notícia revela-se tendenciosa e não contempla o agressor enquanto criança que tem apenas 9 anos, idade próxima da vítima apresentada na notícia. Assim, faz-se necessário atentar para o fato de que

[...] a realidade não pode ser capturada pela linguagem; e também, rever a concepção de verdade, numa ideia de que essa não pode ser definida numa relação de correspondência com a realidade, devendo ser compreendida dentro de um contexto localizado. (MONTE MÓR, 2010, p. 475).

A notícia não expõe os motivos que provocaram as agressões, seja por simples crueldade ou por resposta às provocações. Não há de nossa parte o intuito de justificar a agressão, apenas de apresentar que diferentes contextos podem nos levar a interpretações distintas a respeito de vítima/agressor.

Entendemos que esses aspectos relacionados por Santaella e Nöth (2014) são relevantes para entender as leituras que fazemos das imagens veiculadas nas mídias, pois a imagem é um recorte da realidade feito por uma pessoa que não está neutra em relação ao fato. Tanto é que uma mesma notícia tem denotações diferentes quando publicada em jornais e/ ou emissoras diferentes.

Em relação à imagem analisada, o aspecto semântico está no potencial de comprovação, pois ela pode substituir as evidências de um testemunho ocular ou verbal, porém essa referência pode ser forçada, quando são feitos ajustes para obter uma ilusão ótica.

Quanto ao ponto de vista sintático, o que podemos afirmar como verdades são os substantivos: o menino, o sangue, o uniforme, a mesa, o fogão, a panela, porém, as sentenças: “o menino está na casa da sua mãe”, “o menino estuda na escola X” só podem ser consideradas verdades ou mentiras, mas isso não quer dizer que as expressões verbais teriam uma denotação

completa e verdadeira sobre o fato. As expressões verbais também são carregadas de ambiguidades e variações, pois depende do “conhecimento, contextual e cultural” (SANTAELLA; NÖTH, 2014, p. 212).

No aspecto pragmático, se a imagem for utilizada no sentido de sustentar um fato, ela pode servir como um documento legal em um contexto mais amplo. Não pode ser afirmado nada se a imagem for considerada somente como uma probabilidade.

Como a imagem é o destaque da notícia do jornal online, chama-se a atenção para a violência sofrida pelo menino e o contexto em que estava, por outro lado, ocultam-se outras “verdades” que só serão compreendidas se houver uma análise de todos os fatores que envolveram o acontecimento. Ainda assim, acreditamos que não há verdade absoluta.

Contudo, um olhar crítico quanto ao que se observa pode suscitar questionamentos. Quais as causas que levaram o agressor a (re)agir dessa forma? A culpa é só de quem agride? Qual é a estrutura familiar das duas crianças? Por que essa criança não estava acompanhada por um adulto na volta da escola? Como é o ambiente escolar em que elas convivem diariamente? Entre outras questões que são relevantes para entender o acontecimento veiculado, é que a construção de sentido não se limita somente ao que o autor da notícia quer transmitir, mas numa relação dialógica os leitores que atribuem sentidos a ela (BAKHTIN, 1999).

O que transparece é um recorte num tempo e espaço delimitado, com ênfase no lar e na escola do garoto, pois os registrados na foto remetem a esses dois locais, podendo levar os leitores a questionar sobre o convívio social desse menino nesses ambientes. A situação de vítima é valorizada também no recorte do registro, uma vez que mostra o sangue e a expressão de choro no rosto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não acreditamos que exista um fator específico que ocasione o *bullying* e sim uma multiplicidade de situações. A imagem é tendenciosa, ideológica e mostra apenas uma das faces do caso, por meio dos binários: vítimas e agressor. Além disso, deve se levar em conta também os leitores dessa imagem que interpreta e produz significados que podem ser semelhantes, numa comunidade de mesmo gênero, classe social e tempo histórico. Mas diferenciam um do outro em algum aspecto, devido ao seu estado de pertencimento a coletividades sócio-históricas diferentes (SOUZA, 2011).

Nessa perspectiva, por mais que se publique uma imagem com uma intenção, cada leitor produz sua interpretação, que é individual, porém, a construção de sentido se dá pela interação do sujeito com a imagem, levando em conta o contexto de quem a produz e de quem faz a leitura. Assim, o leitor pode contrariar, concordar, concordar em parte, discordar em parte, complementar, etc. Tudo isso, nos leva a entender que a linguagem não dá conta de abarcar todos os fatores que envolvem um acontecimento. Destarte, acreditamos na importância de se promover um "olhar" cada vez mais crítico, compreendendo as limitações da linguagem e possibilitando a criação de alternativas a fim de amenizar os casos de exploração e abuso envolvendo não só crianças, mas a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1999.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 03 de Mar. 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LEVISKY, D. L. **Adolescência e violência** – uma sociedade carente de pai e mãe. Disponível em: <<http://www.davidlevisky.com.br/artigos/Adolesc%EAncia%20e%20viol%EAncia%20-%20uma%20sociedade%20carente%20de%20pai%20e%20m%E3e%20-%20minist%E9rio%20p%20FAblico.pdf>>. Acessado: 4 de Mar. 2015.

MIZAN, Souza. Letramento visual na mídia: In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2014, p. 271-282.

MONTE MÓR, W. Multimodalidades e comunicação: antigas e novas questões no ensino de línguas estrangeiras. In: **Letras & Letras**. Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 469-476, jul./dez., 2010.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/229/17>>. Acessado: 10 de Mar. 2015.

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, L. M. T. M. de. Cultura, língua e emergência dialógica. In: **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 289-306, jul./dez. 2010.

_____. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: Maciel, R. F; ARAÚJO, V. A. (Org.). **Formação de Professores de Línguas**: ampliando perspectivas, Jundiaí: Paco Editorial, v. 1, p. 1-250, 2011.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares**: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

VASCONCELLOS, A. T. M. Violência e Educação. In: LEVISKY, D. L. (Org.) **Adolescência e Violência**: consequências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ZACCHI, V. J. Novos letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de línguas estrangeiras. In: ZACCHI, V; STELLA, P.R. (Orgs.). **Novos letramentos, formação de professores e ensino de Língua Inglesa**. Maceió. Edufal, 2014, p. 136-159.

ANEXO 1 – Texto completo da notícia.

Menino de 7 anos apanha na saída da escola

23/09/2014 11h45

Um garoto, de 7 anos de idade, ficou com o rosto ferido na manhã da segunda-feira (22), depois de ser agredido na saída da escola, localizada no Parque do Lageado, região sul da Capital. Segundo a mãe do menino, ele ficou com medo do agressor e mentiu, dizendo que tinha se machucado sozinho.

A mãe do aluno afirmou que o filho chegou em casa por volta das 11 horas, com o rosto lesionado e sangrando muito. Ela perguntou o que ocorreu e ele disse que tinha batido em uma árvore. “O colega que mora na frente de casa e volta junto com meu filho disse que, na verdade, ele tinha apanhado de outro menino e que estava com medo de me contar”, disse a mãe.

Depois de conversar com o filho, a criança confirmou a agressão e disse que o colega de classe, de 9 anos de idade, o agrediu na saída da escola. “Eu conversei com ele, disse que ele tem que me contar quando uma coisa dessas acontece e que isso não está certo, não pode acontecer”, disse a mãe, indignada. A mulher disse que procurou a escola e que eles a apoiaram em todo o momento e que conversariam com os pais do agressor. O menino, de 7 anos, ainda disse para a mãe que sempre sofre provocações por parte do colega nos intervalos das aulas e que tinha medo de contar para a mãe, pois era ameaçado. “Penso até em trocar meu filho da escola, porque fico com medo dessa situação”, afirma a mulher.

OUTRO LADO

A Semed (Secretaria Municipal de Educação), por meio da assessoria da Prefeitura de Campo Grande, se pronunciou a respeito do caso. De acordo com a secretaria, a mãe do menino agredido foi atendida pela escola e orientada para as medidas que deveriam ser tomadas.

A mãe do garoto agressor foi chamada para ir até a escola e foi ouvida pela direção. A agressão foi confirmada e a mãe disse que vai procurar um psicólogo para fazer acompanhamento do filho. Ela disse que a criança passou por um abalo emocional na família em 2013, mas não informou do que se trata.

CASO DE POLÍCIA

Segundo a delegada titular da Deaj (Delegacia Especializada de Atendimento à Infância e Juventude), Rozeman Geise Rodrigues de Paula, a criança só é responsabilizada criminalmente, com medidas socioeducativas, a partir dos 12 anos. Mesmo assim, caso a mãe queira, ela pode procurar a delegacia. “Se a lesão causada na criança for muito grave, a mãe pode registrar o boletim de ocorrência para requisitar o exame de corpo de delito”, diz a delegada. No entanto, como o agressor tem menos de 12 anos, o caso deve ser analisado junto ao Conselho Tutelar.

ACOMPANHAMENTO

A primeira atitude, assim como a tomada pela mãe da criança agredida, é procurar a escola. Caso o colégio não se posicione, a ouvidoria da Semed pode ser acionada, já que há o risco, em alguns casos, de que o caso não chegue até a secretaria por meio da escola.

Segundo o conselheiro e psicólogo Adriano Ferreira, o Conselho Tutelar deve ser acionado se não houver iniciativa por parte da escola de resolver a situação. “Podemos chamar os pais, a criança e, se necessário, dar uma advertência, conversar com esse aluno e até mesmo acionar o Ministério Público, dependendo do caso”, diz.

Ainda de acordo com o conselheiro, há necessidade de conversar com o agressor. “Por trás de uma criança que agride, pode haver outro agressor. Um pai, um familiar, por isso é importante saber realmente o que acontece”, afirma Adriano.

No caso do menino de 7 anos, a mãe disse que foi orientada a retornar na escola na manhã de terça-feira (23), para conversar com a direção do colégio sobre o assunto e como o caso será resolvido.

Disponível em: <<http://www.conesulnews.com.br/cidade/menino-de-7-anos-apanha-na-saida-da-escola>>. Acessado dia 14/2/15.